

Vendas de carros novos e usados sobem 22,8% em março

Resultado confirma desempenho positivo do setor automotivo em 2026

Dados divulgados pela Federação Nacional das Associações dos Revendedores de Veículos Automotores (Fenauto) e pela Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabrave) mostram que março consolidou a retomada do mercado automotivo brasileiro em 2026. O mês registrou forte crescimento nas vendas de veículos seminovos e usados e um dos melhores desempenhos recentes nos emplacamentos de veículos novos, impulsionando o resultado do primeiro trimestre.

Segundo a Fenauto, o setor de veículos seminovos e usados apresentou crescimento nominal de 22,8% em março na comparação com fevereiro. Ao todo, foram comercializadas 1.674.346 unidades no período. Além do aumento no volume total, a média diária de vendas por dias úteis avançou 0,5%, indicando que o crescimento não foi apenas efeito do calendário, mas resultado de demanda sustentada.

O presidente da entidade, Everton Fernandes, destacou a capacidade de adaptação do segmento diante do cenário econômico: "O setor tem demonstrado uma resiliência muito grande, apesar das condições da economia e outros fatores. No entanto, temos uma confiança cautelosa para os resultados deste ano, ressaltando que obstáculos como a Copa do Mundo e as Eleições podem criar oscilações. Mas acreditamos que, persistindo essa performance mensal, teremos, mais uma vez, um ano bom para o segmento". - completou.

Resultado trimestral

No mercado de usados, o primeiro trimestre alcançou 4.378.062 unidades vendidas, alta de 12,7% sobre igual período de 2025. Já o segmento de veículos novos acumulou mais de 1,25 milhão de unidades emplacadas entre janeiro e março, configurando um dos melhores inícios de ano da história do setor.



Vendas de automóveis despencaram na pandemia, mas voltaram a crescer nos anos seguintes

Veículos novos

O mercado de veículos novos registrou em março um dos melhores resultados recentes, reforçando o movimento de recuperação do setor automotivo. Segundo dados da Fenabrave, foram 513.099 veículos emplacados em março, considerando automóveis, comerciais leves, caminhões, ônibus e motocicletas. O volume colocou o mês entre os melhores desempenhos já registrados para março na série histórica.

O avanço foi impulsionado pela melhora gradual do crédito, pela reposição de frota e pela recuperação da confiança do consumidor, fatores que estimularam a ida às concessionárias após um início de ano já positivo.

Mais vendidos

De acordo com a Fenauto, no mês de março a preferência dos consumidores permaneceu concentrada em veículos

compactos, utilitários leves e motocicletas de alta durabilidade, tradicionais no mercado brasileiro.

Entre os automóveis, os mais vendidos foram VW Gol (67.761 unidades), GM Onix (42.547) e Hyundai HB20 (41.464). Nos Comerciais leves, destaque para o Fiat Strada (40.491), VW Saveiro (23.779) e Toyota Hilux (19.057). As motocicletas mais vendidas foram Honda CG150 (89.159), Honda Biz (43.069) e Honda NXR150 (30.652)

Entre os comerciais pesados, Volvo FH lidera com 3.021 unidades vendidas, seguido pelo Ford Cargo (2.536) e Mercedes-Benz Axor (1.574).

Mercado automotivo

O Brasil possui uma das maiores redes de varejo automotivo do mundo, com cerca de 8 mil concessionárias de veículos novos espalhadas pelo país, além de aproximadamente 22

mil lojas independentes e garagens especializadas na venda de seminovos e usados. Somados, os estabelecimentos ligados à comercialização de veículos ultrapassam 32 mil pontos de venda, refletindo a capilaridade do setor e sua presença em praticamente todos os municípios de médio e grande porte.

Essa estrutura também mantém uma cadeia de empregos. Estimativas do setor indicam que o mercado automotivo brasileiro reúne cerca de 1,3 milhão de trabalhadores diretos, incluindo indústria, concessionárias, revendas e serviços associados. Considerando atividades indiretas, como logística, fornecedores e manutenção, o impacto chega a até 3,5 milhões de postos de trabalho em todo o país. Nos últimos 10 anos, vendas de veículos caíram após a crise de 2015, despencaram na pandemia e voltaram a crescer, chegando a cerca de 2,7 milhões em 2025.

Cesta básica sobe em todas as capitais brasileiras em março e pressiona famílias

O custo da cesta básica aumentou em todas as capitais brasileiras e no Distrito Federal em março de 2026, segundo levantamento da Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos, divulgada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) em parceria com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). O resultado reforça a pressão dos alimentos sobre o orçamento das famílias de menor renda e a persistência da inflação alimentar no país.

De acordo com o estudo, a maior alta mensal foi registrada em Manaus, onde o preço médio da cesta subiu 7,42%. Em seguida aparecem Salvador (7,15%), Recife (6,97%), Maceió (6,76%), Belo Horizonte (6,44%) e Ara-

caju (6,32%). No acumulado de 2026, todas as capitais apresentaram elevação nos preços, com variações que vão de 0,77%, em São Luís, até 10,93%, em Aracaju.

Entre os principais responsáveis pelo aumento está o feijão, que apresentou alta em todas as cidades pesquisadas. Segundo o Dieese, "a elevação ocorreu devido à restrição na oferta provocada por dificuldades na colheita". O feijão preto registrou aumentos nas capitais do Sul, além do Rio de Janeiro e Vitória, enquanto o feijão carioca teve variações em outras regiões do país. Além do grão, produtos importantes da alimentação diária também ficaram mais caros, como tomate, carne bovina de primeira e leite integral, aumentando o impacto no custo final da cesta.



São Paulo tem a cesta básica mais cara do país: R\$ 883,94.

São Paulo voltou a registrar a cesta básica mais cara do país em março, com custo médio de R\$ 883,94. Na sequência aparecem Rio de Janeiro (R\$ 867,97), Cuiabá (R\$ 838,40)

e Florianópolis (R\$ 824,35). Já os menores valores foram observados em capitais das regiões Norte e Nordeste, como Aracaju, Porto Velho, São Luís e Rio Branco, onde a composição da

cesta é diferente e os preços médios permanecem mais baixos.

Custo de vida

Com base no valor da cesta básica mais cara, no estado de São Paulo, o Dieese também estimou que o salário mínimo necessário para suprir despesas básicas de uma família brasileira — incluindo alimentação, moradia, saúde, educação, transporte e lazer — deveria alcançar R\$ 7.425,99, equivalente a 4,58 vezes o salário mínimo atual, de R\$ 1.621.

O resultado de março confirma a tendência de alta observada desde o início do ano e indica que os alimentos continuam sendo um dos principais fatores de pressão inflacionária.

Com informações da Agência Brasil